

## UM ESTUDO SOBRE A ENTONAÇÃO DA FRASE INTERROGATIVA NA LÍNGUA PORTUGUESA CULTA: uma comparação entre dois tipos de elocução \*

IRIA WERLANG GARCIA

Mestre em Letras em Lingüística Aplicada e em Língua Portuguesa \*\*

### 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa vem crescendo em importância no mundo de hoje, tanto pelo número de falantes – aproximadamente 150 milhões – como pelo realce político de suas sete nacionalidades, espalhadas em um território de mais de 10 milhões de quilômetros quadrados (CUNHA, 1964, p.11) em quatro continentes.

Torna-se, assim, cada vez mais importante realizar sua descrição sistematizada. Nesse contexto ganha relevo a fonologia, como critério de definição de dialetos ou variantes lingüísticas.

O precioso acervo lingüístico do Projeto NURC possibilita o levantamento de todos os aspectos da língua oral. Por se tratar de registro sonoro, grande significado darão a esses estudos os aspectos fonológicos.

O objetivo deste trabalho é o estudo da entoação da frase interrogativa, estabelecendo-se uma comparação entre dois tipos de enunciado, o formal e o informal.

A prosódia, que estuda os suprassegmentos, entre os quais se inclui a entoação, não tem merecido destaque no ensino da língua portuguesa, o que se constata facilmente ao verificar a artificialidade com que crianças de primeiro grau, e até mesmo adultos, lêem em voz alta. A frase interrogativa, em especial, destaca-se pela entoação falsa com que comumente é lida. Isso se deve à deficiência da pontuação, único recurso para indicar a entoação da frase interrogativa.

Para dar à entoação a devida importância no ensino do português como língua materna, seria necessário reforçar o conhecimento de fonética e fonologia na formação de professores para o primeiro grau. Por outro lado, ainda faltam descrições da pronúncia do português culto, necessárias para a elaboração de textos didáticos. A possibilidade de determinar o *deficit* lingüístico das diversas camadas populacionais depende dessas descrições. E sem conhecer esse *deficit*, torna-se difícil re-

---

\*Artigo extraído da dissertação de mestrado na área de Língua Portuguesa, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

\*\*Professora da Secretaria de Educação, Estado do Rio Grande do Sul;  
Professora assistente do Departamento de Letras Estrangeiras, Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul;  
Membro da equipe do Projeto Norma Lingüística Urbana Culta (NURC), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

comendar medidas de correção que poderiam contribuir para reduzir a marginalização das camadas onde ele é mais acentuado.

Neste estudo, fez-se a descrição da entoação com base no registro de percepção auditiva. Portanto, os resultados são válidos enquanto considerados dentro deste limite.

**2 REVISÃO TEÓRICA**

Nesta parte, examinam-se, com brevidade, os fundamentos teóricos dos suprasegmentos, com destaque especial à entoação, e se apresenta uma revisão relativa à frase interrogativa.

**2.1 Os suprasegmentos**

A pronúncia de uma língua está ligada aos elementos fônicos segmentais — vogais e consoantes — e aos elementos suprasegmentais ou prosódicos.

As grandezas físicas vinculadas aos suprasegmentos são tempo, amplitude e freqüência. O tempo está associado à percepção de duração, a amplitude à de intensidade e a freqüência à de altura dos sons dos segmentos.

A função lingüística da estrutura suprasegmental deve ser entendida em dois níveis distintos: palavra e frase. Assim, em nível de palavra têm-se duração, acento e tom; em nível de frase, correspondem-lhes, respectivamente, velocidade, ritmo e entoação.

A correspondência da grandeza física do suprasegmento com sua percepção e com a respectiva função lingüística pode ser melhor apreciada através do Quadro dos suprasegmentos em que, de modo simplificado, aproveitaram-se vários elementos de um quadro mais complexo utilizado por LEHISTE.

**QUADRO DOS SUPRASSEGMENTOS**

Correspondência das grandezas físicas com sua percepção e com sua função lingüística na palavra e na frase

GRANDEZA FÍSICA	PERCEPÇÃO	FUNÇÃO LINGÜÍSTICA	
		Palavra	Frase
Tempo .....	duração	duração	velocidade
Amplitude .....	intensidade	acento	ritmo
Freqüência .....	altura	tom	entoação

Fonte: LEHISTE, Ilse. *Suprasegmentals*. Cambridge, M.I.T., 1970. p.4.

**2.1.1 Duração**

O traço suprasegmental de duração, referindo-se ao tempo gasto no enunciado dos segmentos, define uma característica individual do falante: o andamento do

enunciado ou a velocidade da fala.

Embora esse suprasegmento em português não confira distinção semântica ao enunciado, parece que seu estudo poderia merecer maior interesse da parte dos lingüistas brasileiros. Isto seria de grande valor para a descrição de dialetos regionais e de variações estilísticas.

**2.1.2 Intensidade, acento e ritmo**

O traço suprasegmental de intensidade, a que ISTRE (1980, p.97) também denomina “traço de força”, refere-se à energia que o falante expende ao produzir os sons de seu enunciado. Sua importância tem origem em sua função lingüística na palavra — acento — e na frase — ritmo. Recai mais intensamente sobre os segmentos vocálicos, menos, sobre os segmentos consonantais sonoros e menos, ainda, sobre os segmentos consonantais surdos.

O acento é o resultado da intensidade do som de uma vogal em contraste com a intensidade atribuída às vogais das outras sílabas da palavra.

Ritmo é a quebra de continuidade do fluxo do enunciado em obediência a um padrão recorrente característico. Os parâmetros a que se vincula o ritmo da fala são a sílaba, com sua tonicidade e duração, e a pausa. Diz-se que o ritmo da fala é silábico quando o enunciado é marcado a cada sílaba e a duração das sílabas é aproximadamente igual. Se, por outro lado, o enunciado é marcado pelas sílabas tônicas e os intervalos entre as mesmas são aproximadamente iguais, diz-se que o ritmo é acentual. A duração das sílabas átonas, neste caso, é reduzida de modo a respeitar a isocronia dos intervalos entre as sílabas tônicas. O português e o inglês são línguas de ritmo acentual, enquanto o francês (CAGLIARI, 1981, p.125) e o espanhol (MAJOR, 1981, p.343) estão entre as línguas de ritmo silábico.

**2.1.3 Altura**

As variações da freqüência da onda sonora são percebidas como variações da altura do som. O suprasegmento que depende da freqüência do som está associado às variações relativas dessa grandeza física ao longo do enunciado.

**2.1.3.1 Tom**

O tom representa a função lingüística da altura do som em nível de palavra. Seu menor domínio é a sílaba. A informação que é transmitida pelo tom pode ser distintiva em relação ao significado da palavra — nas línguas tonais, como o chinês, o vietnamita — ou em relação ao significado da palavra na frase para informar sobre ênfase ou emoção.

Em português, o tom não tem função lingüística distintiva.

**2.1.3.2 Entoação**

A função lingüística do traço suprasegmental de altura em nível de frase é desempenhada pela entoação. É expressa pela sucessão de tons que afetam os segmentos de que se compõe a frase. Segundo CÂMARA JÚNIOR (1977, p.106), é a



toação, deve ser considerada essencial à caracterização da frase interrogativa.

Os exemplos abaixo ilustram as possibilidades de entoação como elemento de distinção entre a frase declarativa e as frases interrogativas, bem como entre duas frases interrogativas, tendo todas elas a mesma seqüência fônica:

Frase declarativa - C o m o c o m c o l h e r .;

Frase interrogativa total - C o m o c o m c o l h e r ?;

Frase interrogativa parcial - C o m o c o m c o l h e r ?.

Como se pode observar, a linha melódica é essencial para estabelecer a diferença de significado.

### 2.2.1 Classificação da frase interrogativa

A percepção do caráter interrogativo da frase depende de suas estruturas sintática, léxica e suprasegmental. O tipo de resposta esperada, entretanto, depende das estruturas sintática e léxica, e não da estrutura suprasegmental. Uma classificação de frases interrogativas baseada no tipo de resposta esperada será aqui denominada sintática.

Essa classificação, esquematizada a seguir, representa o aproveitamento das idéias expressas por CÂMARA JÚNIOR (1964, p.198; 1981, p.147-8) e BUYSENS (1974, p.129-30) no que diz respeito às frases interrogativas total e parcial. O conceito de frase alternativa deriva, por sua vez, das classificações de JESPERSEN (1968, p.366) e BUYSENS (1974, p.29-30).

#### FRASE INTERROGATIVA

TOTAL - resposta sim ou não; refere-se ao conjunto do enunciado;

PARCIAL - termos interrogativos: quem, quando, como, etc.; refere-se a uma parte do enunciado;

ALTERNATIVA - resposta antecipada na pergunta; presença de ou.

### 2.2.2 Entoação da frase interrogativa

Ao estudar os universais de entoação em diversas línguas. BOLINGER (1978, p.499-503) indica a existência de algumas tendências que, na frase interrogativa, podem ser resumidas da seguinte maneira:

- contorno ascendente em algum ponto do enunciado, mais freqüentemente no final da frase, nas perguntas totais;

- contorno descendente no final das frases interrogativas parciais.

Os autores nacionais referem-se à entoação da frase interrogativa na língua portuguesa de maneira diversa. SAID-ALI (1957, p.21-3), que denomina a entoação "acento musical", com função restrita a "casos especiais, como: a interrogação, a exclamação, a linguagem emocional, etc.", considera s "elevação da voz no fim da

frase interrogativa" como algo que se poderia estabelecer como regra no português. No entanto, segundo AZEVEDO FILHO (1971, p.98), "na frase interrogativa, . . . predomina a entoação ascendente." Note-se que esses autores se referem à entoação da frase interrogativa de modo genérico, sem atentarem para sua natureza sintática. Diferem, porém, quando à linha melódica, que para SAID-ALI teria contorno ascendente como regra, enquanto para AZEVEDO FILHO esse contorno seria apenas um traço dominante da frase interrogativa.

Generalização análoga encontra-se em CÂMARA JÚNIOR (1977, p.106) ao dizer que a frase interrogativa e a exclamativa "só têm a parte ascendente." Como se vê, os pontos de vistas dos autores nacionais não são coincidentes quanto à entoação da frase interrogativa.

Outros autores, em publicações mais recentes, mostram preocupação em definir a frase interrogativa segundo um critério sintático relacionado a um determinado contorno entonacional. Assim, AUBERT & HOCHGREB (1981, p.17-21) analisam o contorno melódico das frases interrogativas depois de classificá-las em interrogativas parciais e totais. Esses autores selecionaram frases segundo sua extensão, subdividindo-as quanto a sua parte final e apresentando o contorno das sílabas tônicas finais. Quatro tipos de contorno foram definidos: ascendente com queda, ascendente sem queda, descendente e nivelado. O último foi ainda subdividido em nivelado alto e nivelado baixo.

O corpus do trabalho desses autores é constituído de frases interrogativas, selecionadas a partir da gravação da leitura de perguntas preparadas. Seus 14 informantes, de 20 a 25 anos de idade, eram alunos do curso de Ciências (licenciatura), nascidos no Triângulo Mineiro, de pais mineiros. Segundo seus resultados, a característica melódica nas interrogativas totais seria o "contorno final ascendente com queda, níveis tonais 2-3-2". A característica melódica nas interrogativas parciais seria "tom inicial alto (nível 3) e queda final baixa ou médio-baixa".

Já CAGLIARI (1982, p.45-59), descrevendo foneticamente alguns enunciados lidos e gravados por ele mesmo, verificou que, das três interrogativas totais incluídas em seu corpus, duas apresentaram contorno final ascendente. É importante ressaltar que uma dessas frases termina com palavra oxítona ("O caçador matou o javali?") e a outra com palavra proparoxítona ("Você não conhece aquela técnica?"). Ele afirma que, em alguns casos não registrados em seu trabalho, "a linha melódica apresenta uma pequena descida no fim do enunciado, sobretudo quando a última palavra é proparoxítona". A terceira interrogativa total apresenta contorno final ascendente-descendente e a última palavra é paroxítona ("e o relatório não diz nada?").

Muito embora não tenha sido mencionado por nenhum desses autores, parece importante observar que a classificação da entoação na frase interrogativa total depende da maneira como se considera a pronúncia das vogais nas sílabas átonas finais. É possível que os autores mais antigos, que se referiam genericamente a uma entoação ascendente na pergunta, tivessem desprezado as sílabas átonas finais nas palavras paroxítonas e proparoxítonas. Este critério, no entanto, pode tornar-se deficiente nos casos em que o ritmo da fala deixa de ser predominantemente acentual, para aproximar-se do ritmo silábico, como talvez seja o caso no sul do país. Verifica-se, nessa variante, a tendência de pronunciar cada sílaba de forma clara e completa, com menor redução das vogais átonas. O enunciado de tais vogais pouco reduzi-

das em posição final de frase é bem perceptível e a linha melódica, descendente. Surge, assim, conseqüentemente, o contorno ascendente-descendente nas interrogativas totais terminadas por uma ou duas sílabas átonas, quando claramente pronunciadas. Nesses casos, AUBERT & HOCHGREB (1981, p.17-21) preferem adotar a expressão "ascendente com queda" em vez de ascendente-descendente.

Com base nos resultados de AUBERT & HOCHGREB e de CAGLIARI, admite-se uma linha melódica predominantemente ascendente-descendente para as interrogativas totais. Quanto às interrogativas parciais, somente a descrição de AUBERT & HOCHGREB apresenta dados que apontam a linha melódica descendente como predominante. Não há referência, nesses dois autores, a frases interrogativas alternativas, nem tampouco existe qualquer menção de contorno entonacional plano para as frases interrogativas em geral.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Corpus

O material que constitui o *corpus* deste trabalho foi retirado do acervo do Projeto NURC – Porto Alegre (NURC – POA). Utilizaram-se entrevistas (inquéritos) correspondentes a informantes de ambos os sexos na faixa etária de 25 a 35 anos. O *corpus* do NURC – POA compreende inquéritos em três modalidades: DID (diálogo entre informante e documentador), D2 (diálogo entre dois informantes) e EF (elocução formal). Pela natureza da elocução em DID, os inquéritos correspondentes contêm um número muito baixo de frases interrogativas. Por este motivo, o estudo ficou limitado às frases interrogativas em inquéritos do tipo EF e D2.

O número mínimo de frases necessário em cada tipo de inquérito para uma frequência mínima de 3% com um intervalo de precisão de  $\pm 2$  desvios foi calculado a partir da relação:

$$e = \sqrt{\frac{pq}{n}} \text{ (MASSONS, 1975, p.43). O valor encontrado foi 291. Levando em}$$

conta esse valor, fixou-se, após algumas audições preliminares, em 15 minutos o tempo de audição dos inquéritos EF. Pela mesma razão, os inquéritos do tipo D2 foram ouvidos pela duração total de cada um. Dessa forma, o *corpus* veio a constituir-se de 311 frases interrogativas, obtidas de 10 inquéritos EF, e de 333, obtidas de 10 inquéritos do tipo D2.

Mediante a utilização da representação gráfica de PIKE, marcaram-se as frases interrogativas durante a audição de cada inquérito. Em cada frase realizou-se o traçado da entoação até o limiar de percepção da voz, independentemente da posição da última sílaba tônica. Foi necessário ouvir cada frase várias vezes para não haver dúvida quanto à fidelidade da marcação de seu contorno entonacional.

Com o objetivo de verificar a reprodutibilidade do critério de marcação dos traçados, utilizou-se um controle independente de avaliação, executado por duas pessoas – avaliadores – com experiência em audição de gravações do falar espontâneo e sua transcrição para o código escrito. Os resultados dessas duas avaliações, realizadas independentemente em 60 frases do *corpus*, foram comparados com os resultados da autora. Após submeterem-se os dados ao teste  $X^2$  (SIEGEL, 1965,

p.175-9), ficou demonstrado que não há diferença significativa entre as três avaliações.

#### 3.2 Classificação entonacional das frases interrogativas

A classificação sintática (total, parcial, alternativa) das frases registradas e marcadas possibilitou estudar sua relação com o contorno entonacional.

Adotaram-se cinco contornos entonacionais básicos:

1. ascendente – o traçado cuja parte final apresenta nível mais alto do que sua parte inicial; em frases curtas, este traçado costuma ser simples, envolvendo apenas uma parte inicial e outra final; em frases longas, porém, o traçado pode ser complexo e envolver partes intermediárias do tipo ascendente-descendente:

Não é o cas (O) ? \* (Frase nº 19 do inquérito 188)

Eu não teinho a quí uma preposi ção? (Frase nº 12 do inquérito 196)

2. descendente – o traçado cuja parte final apresenta nível mais baixo do que o de sua parte inicial:

Que que eu tenho aqui? (Frase nº 30 do inquérito 196)

3. ascendente-descendente – o traçado cuja parte final apresenta nível mais baixo do que sua parte inicial e tem uma parte intermediária de nível mais alto do que o da inicial:

Qual é o su jeito? (Frase nº 46 do inquérito 196)

O que que foi? (Frase nº 13 do inquérito 184)

4. descendente-ascendente – o traçado cuja parte final apresenta nível mais alto do que suas partes inicial ou intermediária:

Todo mundo já fez? (Frase nº 9 do inquérito 189)

5. plano – o traçado que não apresenta alteração de nível do início ao fim da frase:

negativo igual a quant(o)? (Frase nº 14 do inquérito 205) / N

\*Note-se a vogal surda assinalada na última palavra da frase.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Classificação sintática

A Tabela 1 mostra a distribuição das frases interrogativas nos enunciados EF e D2, segundo o critério da classificação sintática:

TABELA 1 Comparação de freqüências quanto à classificação sintática

FRASE INTERROGATIVA	EF		D2	
	Freqüência		Freqüência	
	Absoluta	%	Absoluta	%
Total	79	25,4	184	55,3
Parcial	211	67,9	139	41,7
Alternativa	21	6,7	10	3,0
Soma	311	100,0	333	100,0

Note-se que EF e D2 diferem apreciavelmente quanto às proporções de frases interrogativas do tipo total, parcial e alternativa.

A aplicação do teste  $X^2$  às séries de dados referentes a EF e D2 acima resultou num valor de  $X^2 = 59,95$ . Isto significa que essas séries são estatisticamente diferentes entre si, com nível de segurança maior do que 99% nesta afirmativa.

### 4.2 Classificação entonacional

A Tabela 2 mostra a distribuição das frases interrogativas nos enunciados EF e D2, segundo o critério da classificação entonacional:

TABELA 2

Comparação de freqüências quanto à classificação entonacional

CONTORNO ENTONACIONAL	EF		D2	
	Freqüência		Freqüência	
	Absoluta	%	Absoluta	%
Ascendente	80	25,8	152	45,7
Descendente	76	24,4	41	12,3
Ascendente-descendente	142	45,7	123	36,9
Descendente-ascendente	10	3,2	11	3,3
Plano	3	0,9	6	1,8
Soma	311	100,0	333	100,0

Esses resultados mostram que EF favorece nitidamente o contorno entonacional ascendente-descendente, enquanto que em D2 a vantagem cabe ao contorno ascendente. A entoação plana carece de importância, tanto em EF, como em D2. A aplicação do teste  $X^2$  às séries de dados referentes a EF e D2 acima resultou num valor de  $X^2 = 34,51$ . Isto significa que essas séries são estatisticamente diferentes entre si, com nível de segurança maior do que 99% nesta afirmativa.

### 4.3 Relação entre a entoação e os tipos de frase interrogativa conforme a classificação sintática

Calculando-se os percentuais de distribuição dos tipos de entoação para cada tipo de frase segundo a classificação sintática, tanto no grupo EF como no D2, é possível montar a Tabela 3.

TABELA 3  
Freqüência dos contornos entonacionais nas frases interrogativas (freqüência absoluta e percentual)

FRASE INTERROGATIVA	CONTORNO ENTONACIONAL											
	EF						D2					
	Asc.	Desc.	Asc. Desc.	Desc. Asc.	Plano	Soma	Asc.	Desc.	Asc. Desc.	Desc. Asc.	Plano	Soma
Total %	52 65,8	4 5,0	16 20,3	7 8,9	0 —	79 100,0	129 70,2	9 4,9	33 17,9	10 5,4	3 1,6	184 100,0
Parcial %	26 12,3	70 33,2	109 51,7	3 1,4	3 1,4	211 100,0	22 15,8	32 23,1	81 58,3	1 0,7	3 2,1	139 100,0
Alternativa %	2 9,5	2 9,5	17 81,0	0 —	0 —	21 100,0	1 10,0	0 —	9 90,0	0 —	0 —	10 100,0

Os dados dessa tabela foram submetidos ao teste  $X^2$  para verificar se havia diferença significativa entre a distribuição entonacional das frases interrogativas totais, parciais ou alternativas, em função do tipo de elocução. O valor de  $X^2$  para o teste foi de 2,60 para as frases interrogativas totais, 5,02 para as interrogativas parciais e 1,02 para as alternativas. Isto significa que não há diferença estatisticamente significativa entre as frases totais em EF e em D2 quanto à distribuição entonacional, assim como entre as parciais em EF e em D2 e nem entre as alternativas em EF e D2. Fica evidenciado, portanto, que as frases interrogativas totais, parciais ou alternativas não diferem significativamente quanto à distribuição entonacional em função do tipo de elocução, devendo ser tratadas como pertencentes ao mesmo conjunto.

A ocorrência dos diferentes contornos entonacionais nas frases interrogativas totais, parciais e alternativas é independente do tipo de inquirido — EF ou D2, repetindo-se, em ambos os tipos de enunciado, a mesma hierarquia de contornos.

As frases interrogativas com contorno entonacional plano apresentam freqüências muito baixas nos dois tipos de enunciado.

Embora predominem os contornos ascendentes nas frases interrogativas totais, estas apresentam um percentual significativo de contorno entonacional ascendente-descendente, tanto em EF como em D2.

Ainda em relação aos dois tipos de inquérito, a entoação das frases interrogativas em geral apresenta os seguintes contornos:

- total: ascendente;
- parcial: ascendente-descendente;
- alternativa: ascendente-descendente.

## DISCUSSÃO

O exame global dos vários tipos de entoação nos conjuntos de frases interrogativas EF e D2 mostra que suas distribuições são diferentes e fortemente influenciadas pela classificação sintática dessas frases. Note-se, pois, a distribuição entonacional nos dois conjuntos, tomando-se por referência cada tipo de frase segundo o critério sintático.

As frases interrogativas totais, tanto em EF como em D2, apresentam distribuições de tipos de entoação muito próximas. Não há, em realidade, diferença significativa entre EF e D2 quanto a esta distribuição. Observe-se ainda que em EF 33,4% das interrogativas são totais, incluídas aí 16,8% com entoação ascendente, enquanto em D2 55,3% são totais, das quais 38,8% com entoação ascendente. Estas proporções explicam, em boa parte, o motivo por que predomina a linha melódica ascendente no conjunto D2 (45,7%), o que não ocorre no conjunto EF (25,8%).

Observando as frases interrogativas parciais, verifica-se, novamente, que não há diferença significativa de distribuição de contornos entonacionais entre os conjuntos EF e D2. Dado que 67,9% das frases interrogativas em EF são parciais, incluídas aí 35% com entoação ascendente-descendente, verifica-se imediatamente a predominância de interrogativas com entoação ascendente-descendente em EF (43,7%), enquanto que em D2 a proporção é menor (36,9%).

Em relação à entoação das frases interrogativas alternativas, devido a sua baixa contribuição na soma total, o único comentário válido é quanto à predominância do contorno entonacional ascendente-descendente, constatado nos dois enunciados. Este tipo de frase não apresenta diferença significativa entre a distribuição entonacional em EF e D2.

Por essa análise fica evidenciado que, no conjunto estudado, a entoação da frase interrogativa está associada a sua natureza sintática e — enquanto parte do falar espontâneo — independe do tipo de enunciado, ou seja, da elocução formal do professor em aula (EF) ou do diálogo informal entre dois participantes que se conhecem (D2).

Neste momento é justo ressaltar o valor do Projeto NURC, como forma de estabelecer uma base comum para conhecer e descrever as variações dialetais, especialmente no que se refere à fonologia da língua portuguesa no Brasil. Os dados aqui relatados permanecem, pois, isolados, à espera de que, de forma análoga, seja analisado o material do Projeto NURC das outras regiões do país.

## 6 CONCLUSÕES

As seguintes conclusões baseiam-se nos resultados do presente trabalho:

- 6.1 A distribuição entonacional das frases interrogativas, nos dois tipos de elocução estudados, é uma função de suas respectivas distribuições sintáticas;
- 6.2 A distribuição entonacional apresenta características próprias em cada um dos tipos de frase interrogativa total, parcial ou alternativa;
- 6.3 O contorno entonacional predominante da frase interrogativa total é ascendente, seguindo-se, em importância, o contorno ascendente-descendente;
- 6.4 O contorno entonacional predominante da frase interrogativa parcial é ascendente-descendente, seguindo-se, em importância, o contorno descendente;
- 6.5 O contorno entonacional predominante da frase interrogativa alternativa é ascendente-descendente;
- 6.6 O contorno entonacional plano raramente ocorre (menos de 2%) no conjunto analisado.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 AUBERT, Francis Henrik & HOCHGREB, Norma. *Descrição Perceptiva da Entonação da Frase Interrogativa em Português: variante mineira*, Uberaba. Uberaba, Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1981. 111p. (Série Estudos: português, estudos lingüísticos, 7).
- 2 AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Ensaio de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971. 177p.
- 3 BOLINGER, Dwight. *Intonation Across Languages*. In: GREENBERG, Joseph. *Phonology*. Stanford University Press, 1978. v.2, p.471-524.
- 4 BUYSENS, Eric. *Semiologia e Comunicação Lingüística*. 2.ed. São Paulo. Cultrix, 1974, 217p.
- 5 CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, 1981. 185p. Tese para obtenção do título de Livre Docente.
- 6 CAGLIARI, Luiz Carlos. *Aspectos Acústicos da Entonação do Português Brasileiro*. Uberaba, Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1982. p.45-59.
- 7 CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2.ed. Rio de Janeiro, Ozon, 1964. 369p.
- 8 CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 7.ed. Petrópolis, Vozes, 1977. 266p.

- 9 CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 9.ed. Petrópolis, Vozes, 1981. 266p.
- 10 CUNHA, Celso. *Uma Política do Idioma*. Rio de Janeiro, São José, 1964. 52p.
- 11 FRIES, Charles Carpenter. *Teaching and Learning English as a Foreign Language*. 14.ed. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1960. vii, 153p.
- 12 ISTRE, Giles Lothar. *Fonologia Transformacional e Natural: uma introdução crítica*. Florianópolis, Núcleo de Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Santa Catarina, 1980. 266p.
- 13 JESPERSEN, Otto Harry. *La filosofía de la gramática*. 10.ed. Barcelona, Anagrama, 1968. 441p.
- 14 LADO, Robert. *Linguistics Across Cultures*. 4.ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1961. viii, 141p.
- 15 LEHISTE, Ilse. *Suprasegmentals*. Cambridge, M.I.T., 1970. 194p.
- 16 MAJOR, Roy C. Stress-timing in Brazilian portuguese. *Journal of Phonetics*, San Diego (9):343-51, 1981.
- 17 MASSONS, José M. Doménech. *Métodos estadísticos para la investigación en Ciencias Humanas*. Barcelona, Herder, 1975. 450p.
- 18 PIKE, Kenneth L. *Phonetics*. 13.ed. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1943. ix, 182p.
- 19 PRATOR, Clifford H. & ROBINETT, Betty W. *Manual of American English Pronunciation*. 3.ed. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1972. 181p.
- 20 SAID-ALI, Manuel [IDA, Manuel Said Ali] *Dificuldades da Língua Portuguesa*. 5.ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1957. xviii, 230p.
- 21 SIEGEL, Sidney. *Nonparametric Statistics: for the behavioral sciences*. Tokyo, Kógakuscha, 1965. 312p.

Endereço para correspondência: Rua Francisco Ferrer, 403/06  
 90410 Porto Alegre, RS  
 Brasil.